

Think Tank

Após 22 anos como Presidente de um dos think tanks mais influentes de Washington, D.C., Chris De Muth escreve sobre as razões do sucesso desses centros de investigação de excelência, num artigo do qual reproduzimos excertos.

Os think tanks são identificados pelo público como agentes de uma determinada abordagem política. É por vezes sugerido que esta atitude compromete a integridade do seu trabalho. No entanto, o seu verdadeiro segredo não está em receberem ou darem ordens à administração Bush ou qualquer outra, mas em terem descoberto novos métodos de organizar a actividade intelectual – e de forma superior, em muitos aspectos (e não todos), ao dos métodos tradicionais de investigação das universidades. Na realidade, os think-tanks (...) não pretendem disfarçar as suas afinidades políticas, como fazem algumas universidades. Somos “escolas” no sentido abrangente do termo: grupos de académicos que partilham um conjunto de premissas filosóficas e levam-nas tão longe quanto possível na pesquisa empírica, na escrita persuasiva, argumentando entre nós e com as outras escolas.

O que tem provado ser altamente produtivo. É uma grande vantagem, quando se trabalha com problemas práticos, não estar sempre a voltar aos princípios primeiros. Conhecemos os nossos fundamentos e concentramo-nos na especificidade do problema em causa. Gostamos de trabalhar problemas difíceis e existem muitos desacordos férteis nos nossos corredores sobre a bio-ética, a reforma do ensino, o crescimento da China, a interpretação da Constituição, o que fazer com a Coreia e o Irão. Os think tanks procuram produzir investigação de qualidade não apenas em proveito próprio, mas para melhorar o mundo (...).

Nos seus anos de formação, os think tanks atraíram muitas personalidades que estavam fortemente descontentes com algum aspecto da política (...). Eram intelectuais de talento extraordinário, que procuravam a companhia de espíritos semelhantes. Como dissidentes, estavam fortemente ligados aos princípios da independência intelectual, da liberdade de questionar e do debate aberto (...). Como dissidentes, tinham pouca esperança de influenciar a política cultural, pelo menos a curto prazo, e eram politicamente independentes – desinteressados em acomodar os seus pontos de vista a cálculos estratégicos ou interesses partidários (...).

E os momentos mais gratificantes no mundo dos think tanks chegaram quando ideias ambiciosas, inicialmente fora do debate político, fizeram o seu caminho através do debate académico e do meio profissional, chamaram a atenção dos funcionários públicos e dos legisladores, e acabaram por ser adoptadas como políticas. É um processo que leva pelo menos doze anos (...). Os defensores dos think tanks gostam de apontar episódios como estes como evi-

dência de que as “ideias têm consequências”, mas sabemos melhor do que ninguém como o papel das ideias é parcial e arbitrário em política. A falta de atenção do público, grupos de interesse bem organizados e o acaso moldam de forma poderosa as acções dos governos. Os think tanks servem como armazéns de ideias, pacientemente desenvolvidas e alimentadas, à espera do momento de crise em os homens de acção procuram desesperadamente uma nova abordagem, ou à espera do líder inspirado que vê possibilidades de agir antes que a crise se instale (...).

O slogan do meu think tank é “ninguém sabe quando vai cair o muro de Berlim”. É imperativo manter santuários intelectuais num mundo onde a Universidade de Harvard proíbe a discussão de alguns assuntos importantes e a Universidade de Columbia acolhe

as contribuições de um mestre terrorista. Os nossos santuários têm sido instrumentos da expansão da liberdade humana em décadas recentes. Colocamos os fundamentos para maiores progressos – à medida que as oportunidades chegarem, como certamente chegarão.

* PRESIDENTE DO AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE, WASHINGTON, D.C.



Os think tanks servem como armazéns de ideias, pacientemente desenvolvidas e alimentadas